

Mulheres de Família e Raparigas: a vida em espaços separados

*Respectable Women and Prostitutes:
life in different social environments*

*Mujeres de Familia y Prostitutas:
la vida en espacios separados*

João Carlos Barrozo

Resumo: este artigo trata da dicotomia mulheres de família e raparigas tendo como foco o contexto dos garimpos de diamante no Alto Paraguai (Mato Grosso), especificamente no povoado Gatinho. Neste sentido, foram analisadas a forma de circulação e a demarcação do espaço das “mulheres de família” e das “mulheres da zona”, situando o papel delas nesse contexto. Para isso, além de consulta em bibliografia e documentos específicos, foram realizadas entrevistas privilegiando-se as histórias de vida.

Palavras-Chave: raparigas, mulheres, família, espaços.

Abstract: this paper discusses the dichotomous categorization of women into respectable ones and prostitutes in the diamond mining area of Gatinho, a small town within the municipality of Alto Paraguai, in the state of Mato Grosso, midwestern Brazil. Strategies for determining which social environment each category of women belonged to as well as the social rules governing their circulation in the different social environments of the town were analyzed in order to establish the roles the two categories of women play in it. The methodology employed encompasses bibliographical review, document analysis and interviews focusing those women's life narratives.

Keywords: prostitutes, women, family, social environment.

Resumen: este artículo trata de la dicotomía mujeres de familia y prostitutas teniendo como foco el contexto de las minas de diamante en lo alto Paraguay (Mato Grosso), específicamente en el pueblo Gatinho. En este sentido, fueron analizadas la forma de circulación y la demarcación del espacio de las “mujeres de familia” y de las “mujeres de la zona”, situando el papel de ellas en ese contexto. Para eso, además de consulta bibliográfica y documentos específicos, fueron realizadas entrevistas privilegiando las historias de vida.

Palabras Clave: muchachas, mujeres, familia, espacios.

João Carlos Barrozo é Doutor em Sociologia pela UNESP, professor do PPG História da UFMT (Universidade Federal de Mato Grosso), pesquisador do NERU (Núcleo de Estudos Rurais/ UFMT).

E-mail: jcbarrozo@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Este texto foi originado da tese de doutorado intitulada *Em Busca de Pedra que Brilha como Estrela: garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai-Diamantino-MT* (BARROZO, 2009). Embora o foco da pesquisa não fosse as mulheres, foram inseridas à medida

¹ Para o período mais recente, foram entrevistados, sobretudo, os velhos garimpeiros, em Alto Paraguai, Diamantino, Nortelândia, Arenápolis, municípios nas cabeceiras do rio Paraguai, onde houve garimpos de diamante desde a década de 1930 até ao final dos anos 90.

² COSTA, Iracy del Nero. Vila Rica, p.77-96, apud DIAS, Maria Odila. *Quotidiano e Poder em São Paulo no Século XIX*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995, p. 101.

³ Carta de Manoel da NÓBREGA ao Padre Siman Rodrigues, 09/08/1549, in Serafim Leite (ed.) São Paulo, 4º Centenário, 1954, vol. I p.119-20, apud DIAS, 1995.

que a pesquisa avançava, sobretudo, nas entrevistas com velhos garimpeiros¹, visto que participavam das conversas, dando opinião, corrigindo informações dos maridos. E neste sentido, pela importância que tiveram na vida de muitos garimpeiros, tornou-se necessário entrevistar algumas delas, entre as quais duas velhas prostitutas. Assim, para este trabalho, além de documentos sobre a mineração e de bibliografia sobre a exploração do diamante em Minas Gerais (MG), na Bahia (BA) e em Mato Grosso (MT), as entrevistas privilegiaram as histórias de vida por meio de longas conversas, algumas delas divididas em duas ou três seções. Desses dados, foram utilizados fragmentos para ilustrar alguns pontos do debate em questão e situar o papel da mulher no contexto dos garimpos.

Historicamente mineiros e garimpeiros são predominantemente homens. Isso se justifica em razão de, além do trabalho pesado e bruto, os garimpos serem localizados em áreas inóspitas, perigosas. Por outro lado, nas áreas de mineração, a falta de mulheres, particularmente as de família, era um problema. Em Minas Gerais, por exemplo, no início da mineração no século XVII, prevaleciam as solteiras, pardas e forras.² Em face desta situação, Nóbrega escreveu para a Corte pedindo que mandassem órfãs e mulheres, “mesmo que fossem erradas”.³

Relativamente à corruptela do Gatinho⁴, no início, havia muitos homens e apenas oito ou dez mulheres. As “raparigas” eram poucas, mas, quando o Gatinho se tornou famoso pela riqueza, esse número aumentou muito. A regra eram “famílias” constituídas pelos que não eram casados “de papel passado”. Sem cartório e sem padre, predominavam os casais “ajuntados”, “amancebados”, “amigados”. Ressalte-se que, nas corruptelas, a zona era “um lugar de encontro organizado,” não só tolerado, mas até aceito como uma necessidade⁵, um “mal menor”.⁶

No século XVIII, “a mulher de família era identificada ao interior da casa”, enquanto que “[...] a rua era o domínio da escrava e da prostituta” (LEITE, 1993, p. 63). Neste período, particularmente nas minas e garimpos, a família modelo não era a regra. Segundo Souza (1990, p.113),

[...] ao contrário do que sugere a visão da sociedade colonial nucleada na família, esta foi, nos tempos coloniais, exceção: os elementos que para cá se dirigiam eram solteiros e desenraizados, e muitos se ressentiram da falta de mulher branca. Aos poucos foram se formando famílias ilegais, à margem do vínculo do matrimônio.

O concubinato era uma prática social disseminada, como o demonstram os registros dos filhos ilegítimos e de expostos nos livros paroquiais (Silva, 1995, p.88).⁷ Nas vilas e cidades mineiras, as “casas de alouce”, “[...] eram geralmente domicílios de pessoas pobres, servindo como ponto de encontros amorosos [...]”.⁸

⁴ Gatinho é o nome da corruptela ou corrutela (povoado) de garimpo, núcleo original da atual cidade de Alto Paraguai, localizada nas cabeceiras do rio Paraguai, no estado de Mato Grosso.

⁵ Muitos homens casados, depois de muito tempo longe da família, se amigavam com mulheres da zona. Outros preferiam ficar solteiros, para não se “amarrar”.

⁶ Alain CORBIN. Les Filles de Noce. Misère sexuelle et prostitution au XIX^e. siècle. Paris, Aubier, 1978, apud PERROT, Michelle, 1992, p. 221.

⁷ GOLDSCHMIDT, Eliana. Virtude e pecado: sexualidade em São Paulo colonial. Apud COSTA, A.O. e BRUSCHINI, C. (org): Entre Virtudes e o Pecado. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1992.

⁸ Luciano FIGUEIREDO. Mulheres nas Minas Gerais, apud Mary del PRIORE (Org) História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Editora Contexto, Ed. UNESP, 1997., p.156.

⁹ LONDOÑO, Fernando Torres. *Público e Escandaloso: igreja e concubinato no antigo bispado do Rio de Janeiro*. Tese de Doutorado. FFLCH/USP/SP, 1992. Apud SILVA, Jovan V., 1995, p.172.

¹⁰ Um depoente, com quase noventa anos, depois de mais de 40 anos vivendo com sua mulher, sussurrou em tom de segredo que nunca se casara, ele era só amigado – Quando fiz a pesquisa não havia exigência de autorização por escrito para transcrever os depoimentos. Embora quase todos os entrevistados já tenham falecido, contudo, para evitar algum problema não estou transcrevendo os depoimentos literalmente, mas parafraseando suas falas.

Em Mato Grosso, nos séculos XVIII e XIX, havia uma maior concentração de homens, principalmente nas áreas de mineração, “e um baixo índice de mulheres”, devido ao caráter volante da população do Estado. A “[...] estrutura familiar, numa região constituída por uma maioria de homens, acabou por sofrer o impacto da mancebia e da mestiçagem” (SILVA, 1995, p.165). A tendência para as ‘uniões consensuais’, segundo Londoño,⁹ “[...] era alta nas regiões onde o trânsito das pessoas foi pendular, ou seja, nas áreas de povoamento de fronteira ou de mineração.”

Nas corruptelas de garimpo havia uma demarcação entre o espaço das “mulheres de família” e o espaço das “mulheres da zona”. Elas ocupavam um setor (“zona”) da cidade, ‘demarcado’ por algumas ruas, onde as mulheres de família dificilmente entravam. Ao contrário, as raparigas, se não houvesse uma proibição formal, percorriam também os espaços das famílias. Vale ressaltar que esta dicotomia “mulheres da zona” e “mulheres de família” tem como parâmetro a família cristã, que era a exceção nos garimpos.¹⁰

Mesmo não havendo uma proibição formal confinando as “raparigas” de Alto Paraguai, como o foram no “prostibulum publicum” na França (ROSSIAUD, 1991), contudo, em alguns momentos o espaço de circulação das mesmas era delimitado. Neste sentido, uma senhora entrevistada disse que as “raparigas” não se misturavam porque “sabiam o seu lugar”; e uma moradora da zona, desde 1949, relatou que naquele tempo, no garimpo do Gatinho,

havia bares e quartos alugados pelas mulheres na rua Batista das Neves, mas estes não eram um bordel (BARROZO, 2009).

Os velhos garimpeiros relataram que os bailes do cabaré eram muito concorridos. Isto porque era um território livre, com pouco controle social das famílias. As mulheres que frequentavam o cabaré podiam dançar como quisessem e os garimpeiros solteiros se sentiam mais à vontade lá do que no clube da cidade. A dança, no cabaré, era uma estimulação entre o homem e a mulher, antes de irem para o quarto. A forma de dançar era tão característica que, quando alguém dançava no clube de forma considerada escandalosa, diziam que estavam “dançando cabaré” (BARROZO, 2009).

1. Mulheres Garimpeiras

Siá Brígida, descrita por Setúbal (1983), “[...] era um mulherão grosseiro, entroncado, mais macho do que fêmea, peluda, de bigode no beijo e berruga no queixo [...] mas trabalhadeira que nem homem”. Porque trabalhava como homem, tinha feições e jeito de homem, podia viver no garimpo sem ser importunada, sendo respeitada como se fosse um homem. Esta caracterização, quase uma caricatura, mostra que o trabalho no garimpo era serviço de homem. Apesar da menor participação da mulher como garimpeira, quem descobriu o primeiro diamante no Leste de Mato Grosso foi uma mulher, Joana de Jesus, no rio Cassununga, na bacia do rio Garças, no início do século XX (SILVA, 1936 p.227; BAXTER, 1988, p.75).

Nos garimpos do Gatinho havia uma garimpeira que também era prostituta. Os velhos diziam que ela quebrava cascalho e tinha uma carroça para carregar cascalho para lavar no rio. Ela fazia todo o serviço que um garimpeiro: lavava e batia cascalho no coxo e até mergulhava com escafandro. Esta mulher garimpeira chamava atenção porque fazia “trabalho de homem”. Embora garimpar fosse trabalho de homem, algumas mulheres, em momentos de dificuldades, “ajudavam” seus companheiros no garimpo, manobrando o burro na carroça, carregando cascalho para lavar no rio, mergulhando.

Outro caso, neste sentido, é o de uma entrevistada que, embora não se considerasse, era garimpeira, visto que mergulhava “a fôlego”¹¹ porque o marido não conseguia mergulhar sem aparelho¹². Ao ser arguida sobre a dupla tarefa de dona de casa e do garimpo, quanto a esta disse que estava apenas “ajudando”. Nesta acepção, vale ressaltar que muitas mulheres no garimpo, em diferentes momentos, davam conta dos afazeres domésticos e garantiam a subsistência dos filhos, principalmente quando o marido se ausentava por longos períodos¹³.

2. Zona e Famílias: promiscuidade e separação de espaços

Muitos homens foram para os garimpos de Mato Grosso sozinhos. Entre estes, alguns tinham família no local de origem, mas, depois de algum tempo no garimpo, se “amigaram” com mulheres mato-grossenses, muitas delas “raparigas”. Os garimpeiros dizem que “[...] baiano que atravessa pelo menos três rios é solteiro”. Alguns “nortistas” que se tornaram garimpeiros em Mato Grosso se casaram com filhas de goianos e mineiros, criadores de gado, estabelecidos no leste de Mato Grosso. Estes tiveram ascensão social.

A vida no garimpo era difícil para todos. Quando o homem passava vários dias sem voltar para casa, a mulher assumia todas as responsabilidades. Muitas vezes esta mulher não era mais que uma menina, com 15 ou 16 anos. Morando em ranchos de palha, longe das vilas e “corrutelas”, a mulher cozinhava, lavava a roupa e passava com ferro de brasa, cuidava dos filhos.

¹¹ Mergulho sem equipamento para coletar cascalho no leito do rio para, posteriormente, ser peneirado com objetivo de encontrar diamantes.

¹² Para retirar o cascalho do fundo do rio, o “mergulhador” descia preso por uma corda, com um peso de 40 quilos amarrado na cintura. No fundo, enchia um saco com o cascalho, subia para tomar um fôlego e tornava a mergulhar. (BARROZO, 2009).

¹³ Da mesma forma, nas vilas mineiras no período colonial, o fizeram as mulheres pobres, produzindo e vendendo quitutes (DIAS, 1995; FIGUEIREDO, 1997). Segundo Perrot (1992, p.181), “[...] as mulheres do povo têm outros saberes e poderes, principalmente médicos, religiosos e mesmo culturais. Seu papel na educação dos filhos, [...], é considerável”.

Nos ranchos, à beira dos córregos, ou nas corrutelas, as dificuldades, as doenças e os perigos eram muitos. Quando alguém adoecia, ia a um benzedor, ou então se tratava com remédio caseiro (chazinhos e poções). Os partos eram feitos em casa, por uma parteira. Quando havia complicação, a mulher era levada para a cidade, em uma carroça ou numa rede, carregada por dois homens.

No “Distrito Diamantino”, a falta de trabalho, aliada à “violência do fisco” e às causas estruturais, levaram a população à miséria. Segundo Mawe (apud SOUZA, 1990, p.146) “[...] abundavam as mulheres paupérrimas, o que também faz pensar nos maridos banidos e explica a alta taxa de prostituição que lá se verifica [...]”. Souza (1990, p.180) complementa, dizendo que “[...] nas Minas as prostitutas pulularam por todo o período em que durou a atividade aurífera”.

O bando de 02/12/1733,¹⁴ contra a prostituição no distrito do Tijuco, atribui os “pecados públicos” ao “[...] grande número de mulheres desonestas que lá habitavam, com vida tão dissoluta e escandalosa [...]”. (SANTOS, 1976, p.68). A prostituição também era um negócio para muitos senhores que viviam da prostituição de suas escravas (SOUZA, 1990, p.181).

Nas Minas Gerais “[...] a pobreza de muitas mulheres fazia a prostituição lhes servir de atividade complementar”(FIGUEIREDO, 1997, p.150) Segundo os visitantes eclesiásticos, as mulheres vendeiras travestiam a atividade comercial em prostituição, a qual foi adotada como “[...] prática complementar ao comércio ambulante [...]”, exercido, sobretudo, por escravas, as quais eram “[...] empurradas muitas vezes a esse caminho pelos seus proprietários”. (Idem, p.152). No Brasil colonial, a prostituição era uma expressão tipicamente feminina da pobreza e miséria social.¹⁵

¹⁴ O “bando,” nesse período, era a proclamação pública de uma lei ou decreto da administração colonial.

¹⁵ Mary del PRIORE. Ao Sul do Corpo. Rio de Janeiro, José Olympio Editora; Brasília, Editora da UnB, 1993. Mary del PRIORE. Mulheres de trato ilícito: a prostituição na São Paulo do século XVII. In: Anais do Museu Paulista, vol. XXXV, 1986-1987, separata, p. 167-200.

Figueiredo (1997, p.156 e 184) atribui o elevado número de prostitutas nas vilas mineiras, onde as casas de prostituição foram numerosas, à mobilidade da população masculina, dedicada à mineração. Embora esta prática não fosse exclusiva das áreas de mineração (SILVA, 1983, p.90).

¹⁶ Os donos de “boates” dos garimpos da Amazônia buscam as meninas na periferia das cidades do Nordeste, levando-as para o interior da floresta, onde são confinadas como escravas, até pagar as dívidas contraídas. Ver Gilberto DIMENSTEIN, 1992.

Quando começava uma corrutela de garimpo, às vezes simultaneamente, chegavam as “raparigas”. Em muitos garimpos, o dono do cabaré ia buscar as mulheres fora.¹⁶ Em Alto Paraguai, logo no início do garimpo, um goiano, comprador de diamantes, abriu o primeiro cabaré da corrutela do Gatinho. Depois que chegaram as primeiras raparigas, muitas outras vieram atraídas pela fama do lugar. A zona de prostituição de Alto Paraguai era tão grande e conhecida que atraía homens de outros garimpos e corrutelas. Segundo uma ex-prostituta, moradora de Alto Paraguai desde os anos 1940, aquele tempo era bom porque tinha muito garimpeiro, pegava muito diamante e as mulheres ganhavam muito dinheiro (BARROZO, 2009).

A “zona” era demarcada pela Rua Batista das Neves, como o eixo principal, o “divisor”, entre a área das famílias e a área da “zona”. Havia alguns bares, localizados na “fronteira” entre as ruas de família e as da “zona”. O cinema ficava na área limítrofe, podendo ser frequentado pelos moradores dos dois espaços.

Numa esquina, na entrada da “zona”, havia um bar, o único que vendia picolé. Pela proximidade da zona, muitos pais não deixavam as meninas comprar picolé naquele bar. Por outro lado, os meninos, vendedores de bolo e quitutes, podiam ir à casa das mulheres para vender suas mercadorias. Este contato precoce os familiarizava com aquele ambiente, que passariam a frequentar furtivamente a partir dos dezesseis, dezessete anos e, livremente, depois que se tornassem adultos.

A arquitetura da zona se caracterizava pelas casas “emendadas”, de “parede de meia”, interligadas de uma esquina à outra, onde funcionavam bares, casas de jogo e os quartos das “raparigas”. As casas tinham telhados de “duas águas”, com uma janela e uma porta, pintadas de rosa, verde ou azul. Na rua principal, havia dois “hotéis” e a Delegacia de Polícia.

Na ‘fronteira’ das ‘ruas de família’ e das ‘ruas da zona’, havia certa confusão e promiscuidade na ocupação e definição dos espaços. No auge do garimpo, havia mais de uma centena de mulheres na zona de Alto Paraguai. Com a decadência do garimpo, quase todas as casas e quartos foram fechados, assim como os bares e o comércio.

As “mulheres de família” e as “mulheres da zona” não se “misturavam”, ocupando espaços diferentes. Havia uma pracinha na rua da zona, que era frequentada só pelas “raparigas”. As mulheres de família não iam até lá, ficando em ruas separadas, não se misturando. A separação se estendia até lugares como o rio Paraguai, ou o Gatinho, onde as mulheres iam lavar roupas e tomar banho. As “mulheres da zona” e as “mulheres de família” ocupavam lugares separados na beira do rio. As casadas e as filhas lavavam roupa e se banhavam em um ponto do rio; e “elas”, as mulheres da zona, em outro ponto. Umas ouvindo as fofocas das outras. Às vezes, contavam fofocas do marido de alguma mulher casada que estava lavando roupa bem próxima, ouvindo a conversa.

Situação semelhante ocorreu no sul da Europa, nos séculos XIII a XVI, em que as “mulheres públicas” foram confinadas no “prostibulum publicum”, além de terem que utilizar símbolos distintivos para diferenciá-las das “mulheres honestas”. Em alguns períodos, entretanto, elas tiveram liberdade de morar e trabalhar nas “ruas honestas”, podendo frequentar os eventos sociais, ir à igreja, às tabernas, e até dar esmolas para as obras da Igreja (ROSSIAUD, 1991). O “prostibulum publicum”, construído e mantido pelo poder público, servia para refrear as paixões dos jovens, preservando assim as mulheres e moças de família.

Em Alto Paraguai, não havia confinamento, mas separação de espaços. Contudo, em determinados períodos, elas eram proibidas de circular livremente fora do espaço circunscrito da zona. Uma ex-prostituta idosa conta que havia momentos em que elas podiam ou não sair da área da zona. Dependia do delegado.

Embora as “raparigas” de Alto Paraguai não usassem um “sinal distintivo”, eram discriminadas pelas famílias que evitavam se misturar com elas. Mas contraditoriamente, assim como eram discriminadas, também eram admiradas porque se vestiam bem, usavam joias e perfumes que as mulheres de garimpeiros não podiam usar.

Para alguns velhos garimpeiros, o “cabaré” no garimpo era “um clube social”, onde eles jogavam, bebiam, se encontravam para conversar, fazer negócios, encontrar as mulheres. Lembra as “casas de alouco”, onde “homens e mulheres se reuniam para fazer ‘saraus e galhofas’, ‘velhacarias e manganagens” (FIGUEIREDO, 1997, p.179).

Na opinião das “mulheres de família”, a zona era um lugar de “perdição”, de desordem, de desacerto, onde os homens iam gastar o dinheiro com as “raparigas”, as quais “viravam a cabeça deles”, fazendo-os abandonar a família. Sobre isso, uma senhora, mulher de garimpeiro, conta o desentendimento com o marido em razão de ele ter ido à inauguração de um cabaré, o que culminou com a mudança da família para longe de Alto Paraguai.

O binômio “cabaré/casa”, frequentemente explicitado nas entrevistas, corresponde a dois espaços aparentemente contraditórios, separados e, ao mesmo tempo, em estreita relação. A divisão do espaço “das famílias” e “das raparigas” são elementos constituintes desta relação.

O universo feminino no garimpo assenta-se nesta combinação contraditória: a casa, onde os valores são o respeito, as normas, a criação dos filhos, a fidelidade; é o espaço da ordem, do certo. O cabaré é o espaço da desordem, da transgressão, da anarquia, da libertinagem, das mulheres livres, do desperdício. São dois mundos do universo feminino, em relação

de atrito/conflito, de afirmação/negação. Um é a face invertida do outro.

As mulheres não podiam transitar de um espaço para o outro. De vez em quando, alguma “mulher da zona” era “tirada” de lá quando se amigava com algum garimpeiro. Ao ser tirada da zona, ela passava para o “espaço das famílias”. Mas a marca, a pecha de ex-prostituta, permanecia como um sinal indelével.

Já o homem podia transitar livremente entre o espaço da ordem, a casa de família, e o espaço da desordem, o cabaré. Ele possibilitava a existência destes dois espaços, fazendo a ponte entre eles, sendo o elo aglutinador desta relação.

3. As Mulheres “Vinhã Tocadas”

As mulheres eram de Cuiabá. Mas algumas vinham de fora. As mais velhas vinham “tocadas” dos garimpos do Leste de Mato Grosso¹⁷; outras, sobretudo, de Jataí e Rio Verde, em Goiás. Algumas vinham nas caravanas, em tropas, do Maranhão.

¹⁷ No leste de MT, estavam os garimpos de diamante mais antigos: Cassununga, Guiratinga, Café, Poxoréu.

O termo “tocado” é usado por vaqueiros e boiadeiros para conduzir animais. Esta expressão revela que as mulheres eram “tocadas”, banidas, como animais para se venderem no comércio do corpo, nos garimpos. Em geral, eram mulheres solteiras que “se perderam” e, em consequência, foram banidas de casa pela família. As mulheres do cabaré de Santa Terezinha, segundo Esterici (1987), em geral de origem camponesa, foram “jogadas na vida” por suas famílias, porque se “perderam”.

As antigas prostitutas de Alto Paraguai, depois de “aposentadas”, quase todas se tornaram “crentes”. Já velhas, usam vestidos compridos e lenço na cabeça. Estas mulheres, que hoje vivem para a religião, depois de passarem grande parte da vida no bordel, assemelham-se às prostitutas da Idade Média que, depois

de “aposentadas”, se retiravam para um convento ou para uma casa de “arrendidas”.

As lembranças proibidas, “indizíveis” ou vergonhosas “[...] são zelosamente guardadas em estruturas de comunicação informais e passam despercebidas pela sociedade englobante”. (POLLAK, 1989, p.8). Estas mulheres “arrendidas”, depois de velhas tentam viver como “santas”. Por isso, elas guardam silêncio sobre este passado “vergonhoso e pecaminoso”. O passado “indizível” está morto e, por isso, deve ficar guardado, esquecido para sempre. Dessa forma, elas visam olvidar a vida em espaços separados entre raparigas e mulheres de família.

REFERÊNCIAS

BARROZO, João Carlos. *Em busca da pedra que brilha como estrela. Garimpos e garimpeiros do Alto Paraguai – Diamantino*. Tese de Doutorado. UNESP, Araraquara, SP, 2007.

BAXTER, Michael. *Garimpeiros de Poxoréu: mineradores de pequena escala de diamantes e seu meio ambiente no Brasil*. Brasília: gráfica do Senado, 1988.

CASTRO, Sueli Pereira; BARROSO, João Carlos; COVEZZI, Marinete; PRETI, Orestes. A colonização oficial em mato grosso: “a nata e a borra da sociedade”. *Caderno do NERU* (número especial). EdUFMT: Cuiabá, 1994.

CONINCK, Frédéric de, GODARD, F. Itinéraires familiaux, itinéraires professionnels: vers de nouvelles biographies féminines. In : *Sociologie du Travail*. n. 1/92, p. 65.

COSTA, Albertina O. ; BRUSCHINI, Cristina (organizadoras). *Entre virtudes e o pecado*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

DIAS, Maria Odila L. da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1995.